

*Coletâneas*  
*Solano Trindade*

# ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

**VOLUME 4**

A GOTEIRA  
**DJALMA RIBEIRO DA SILVA JUNIOR**

VINTE E TRÊS: [ENCRUZILHADA NO TEMPO:  
CÊNICO, DA MEMÓRIA E DA REALIDADE]  
**LUZ RIBEIRO**

ESTADO DE GUERRA:  
UMA DRAMATURGIA DO FIM DO MUNDO  
**MARIANA OZÓRIO**

LUCIAS



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

### Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo

**Governador**  
Tarcísio de Freitas

**Vice-governador**  
Felício Ramuth

**Secretária de Estado**  
Marília Marton

**Secretário Executivo**  
Marcelo Henrique de Assis

**Chefe de gabinete**  
Daniel Scheiblich Rodrigues

**Coordenadora da Unidade de Monitoramento dos Contratos de Gestão**  
Gisela Colaço Geraldi

**Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura**  
Adriane Freitag David

**Coordenadora da Unidade de Formação Cultural**  
Bruna Attina

**Coordenadora da Unidade de Fomento à Cultura**  
Liana Crocco

**Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico**  
Karina Santiago

**Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico**  
Mariana de Souza Rolim

### ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)

**CONSELHO ADMINISTRATIVO**  
Isildinha Baptista Nogueira (Presidente)  
Hubert Alquéres (Vice-presidente)  
Elen Londero  
Eunice Prudente  
Fábio Souza Santos  
Helena Ignez  
Luiz Galina  
Mária Bonomi  
Patrícia Pillar

**CONSELHO FISCAL**  
Wagner Brunini (Presidente)  
Maurício Ribeiro Lopes  
Rachel Rocha

**Conselheiro Benemérito**  
Lauro César Muniz

**Direção Executiva**  
Ivam Cabral

## SELO LUCIAS

**Coordenação editorial – Selo Lucias**  
Beth Lopes  
Elen Londero  
Ivam Cabral  
Marcio Aquiles

**Coordenação - Prêmio Solano Trindade**  
Miguel Arcanjo Prado

**Organização e edição**  
Ivam Cabral  
Marcio Aquiles  
Miguel Arcanjo Prado

**Jurados**  
Denilson Tourinho  
Viviane Pistache  
Miguel Arcanjo Prado

**Autores**  
Djalma Junior  
Luz Ribeiro  
Mariana Ozório

**Capa**  
Henrique Mello

**Diagramação**  
Henrique Mello

**Ficha catalográfica**  
Monica Madureiro

**Revisão**  
Débora Moysés  
Guilherme Dearo

**Produção executiva**  
Gustavo Ferreira  
Rodrigo Barros

**Produção**  
David Godoi  
Miguel Arcanjo Prado  
Rodrigo Barros  
Solange Correia

**Fotos de capa e ilustrações**  
Vecteezy - Illustration 28128242.  
Artsy Solomon,  
Jermaine Ulinwa,  
Kaulz Ug,  
Khris Kunt,  
Kwaku Griffin,  
Melvin,  
Filipe Gomes,  
Dapo Abideen,  
Thomas Nguka  
e The Snapper,  
disponíveis em:  
[www.pexels.com](http://www.pexels.com)

**Fotos dos autores**  
Divulgação

**Impressão**  
MaisType - Gráfica Promocional e Editoria

Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2023”, realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (Adaap), gestora do projeto cultural SP Escola de Teatro, junto à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. O prêmio foi instituído em atendimento do Decreto nº 48.328./2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisas com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

**Direitos reservados à ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça | Selo Lucias**

Av. Rangel Pestana, 2.401 – Brás, 03001-000 – São Paulo/SP

55 11 3775-8600

*info@spescoladeteatro.org.br*

*www.adaap.org.br*

*www.spescoladeteatro.org.br*

A849e Associação dos Artistas Amigos da Praça

Eternizar em escrita Preta / Djalma Junior; Luz Ribeiro; Mariana Ozório. –  
1. ed. – São Paulo : Associação dos Artistas Amigos da Praça : Lucias, 2023.  
112 p. (Prêmio Solano Trindade)

ISBN: 978-65-84800-36-6

1. Artes Cênicas 2. Dramaturgia 3. Dramaturgia negra

CDU: 792.82







*Coletâneas*  
*Solano Trindade*

# ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA

**VOLUME 4**

A GOTEIRA  
**DJALMA RIBEIRO DA SILVA JUNIOR**

VINTE E TRÊS: [ENCRUZILHADA NO TEMPO:  
CÊNICO, DA MEMÓRIA E DA REALIDADE]  
**LUZ RIBEIRO**

ESTADO DE GUERRA:  
DRAMATURGIA DO FIM DO MUNDO  
**MARIANA OZÓRIO**

LUCIAS



SÃO PAULO SÃO TODOS  
Secretaria da  
Cultura, Economia  
e Indústria Criativas



## **APRESENTAÇÃO**

- 13.** TEATRO E A VALORIZAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO  
por **MARILIA MARTON**  
SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA  
CRIATIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

## **PREFÁCIO**

- 19.** SEMEANDO HISTÓRIAS  
por **IVAM CABRAL**

## **TEXTOS**

- 23.** A GOTEIRA  
**DJALMA RIBEIRO DA SILVA JUNIOR**
- 53.** VINTE E TRÊS: [ENCRUZILHADA NO TEMPO:  
CÊNICO, DA MEMÓRIA E DA REALIDADE]  
**LUZ RIBEIRO**
- 79.** ESTADO DE GUERRA:  
DRAMATURGIA DO FIM DO MUNDO  
**MARIANA OZÓRIO**

## **POSFÁCIO**

- 111.** OUTRAS VOZES, NOVOS DISCURSOS  
por **MIGUEL ARCANJO PRADO**



**TE**  
**VALORIZ**  
**MOVIMENT**



**TEATRO E A  
ZACÃO DO  
TO NEGRO**



por

**MARILIA MARTON**

SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA  
E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

# TEATRO E A VALORIZAÇÃO DO MOVIMENTO NEGRO

A dramaturgia tem o poder de refletir a sociedade em que vivemos e de questionar suas normas e valores. E, quando se trata de peças escritas por pessoas negras, é possível desafiar estereótipos e preconceitos, trazendo novas perspectivas, narrativas e vivências de uma parcela da população que historicamente foi marginalizada e silenciada.

O Prêmio Solano Trindade é uma das mais importantes honorárias da cultura brasileira, uma vez que contribui para a valorização da cultura negra e para a promoção da diversidade no teatro brasileiro. Ao reconhecer e premiar dramaturgias produzidas por artistas afrodescendentes, o prêmio incentiva a produção de obras que reflitam a realidade e as experiências da população negra, e que contribuam para a construção de uma sociedade mais plural.

Criado em 2020, o prêmio leva o nome de um dos maiores expoentes da arte afro-brasileira e grande criador da poesia “assumidamente negra”, como dizem os críticos. O multiartista, estudioso da cultura popular, militante pela igualdade social e racial, Solano Trindade (1908-1974) foi, ao lado de Abdias Nascimento, um dos principais intelectuais negros a movimentarem o cenário cultural e político brasileiro do século 20, sendo, assim, fonte de inspiração até os dias de hoje pela valorização da voz preta. Nesse sentido, iniciativas como o Prêmio Solano Trindade, criado pela Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, abrem portas, criam oportunidades e auxiliam no resgate da valorização do teatro negro.

O livro que você tem em mãos é uma coletânea dos textos premiados na última edição do Prêmio Solano Trindade, que revelam a diversidade, a criatividade e a potência da dramaturgia negra contemporânea. São obras que abordam ancestralidade, identidade, violência, resistência, memória, amor e esperança, com linguagens que transitam entre o realismo, o fantástico, o humor e a poesia.

Ao ler esses textos, você vai se emocionar, se divertir, se indignar, se questionar e se inspirar com as histórias e os personagens criados por esses autores e autoras negros e negras, que representam uma parcela significativa e expressiva da sociedade brasileira, mas que ainda enfrentam muitos obstáculos e preconceitos para terem suas vozes ouvidas e respeitadas.

Este livro é, portanto, um convite à reflexão, à sensibilização e à valorização da dramaturgia feita por pessoas negras, que é arte, cultura e resistência. Que você aprecie essa leitura e que ela contribua para ampliar sua visão de mundo e sua consciência crítica.

# SEMEANDO



# DHISTÓRIAS



Eternizar em Escrita Preta



por

**IVAM CABRAL**

DIRETOR EXECUTIVO  
DA SP ESCOLA DE TEATRO

# SEMEANDO HISTÓRIAS

É notório o desenvolvimento da dramaturgia nacional nos últimos anos, resultado sobretudo da agência de múltiplas vozes que passaram a conquistar espaços legítimos antes sonegados e a criar uma produção autoral polifônica e democrática.

Os novos textos a ocupar os palcos brasileiros revelam as múltiplas identidades de nosso universo sociocultural. Dramaturgias de cariz épico-dialético ou de matriz dramática ainda constituem, em diferentes graus, um suporte estável para a encenação. Os programas performativos, por sua vez, mesmo quando têm na presentificação ou na espontaneidade autoficcional seus alicerces, também não abdicam do roteiro textual. Desse modo, tanto modelos canônicos quanto proposições com foco na invenção têm convivido em harmonia, sem mais espaços para os conflitos formais impostos pela teoria no século passado.

As três peças selecionadas nessa nova edição do Prêmio Solano Trindade, *A goteira* (Djalma Ribeiro Da Silva Junior), *Vinte e três: encruzilhada no tempo: cênico, da memória e da realidade* (Luz Ribeiro) e *Estado de guerra: dramaturgia do fim do mundo* (Mariana Ozório), ilustram uma pequena parte do fértil campo teatral que uma potente nova geração anseia por povoar com suas histórias. São textos que se utilizam desde operações que brotam no íntimo individual a dispositivos que apontam para uma coletividade mítica. Que os teatros possam acolhê-los o quanto antes, pois são trabalhos que têm muito a dizer e que merecem ser reverberados por todo o país.



SEMEANDO HISTÓRIAS







# **A GOTEIRA**



---

por  
**DJALMA RIBEIRO  
DA SILVA JUNIOR**

## PRÓLOGO

*Uma luz circular ilumina o centro do palco. Lucas entra pela direita, até o centro do círculo iluminado. Ele está de cabeça baixa e olha para a plateia.*

**LUCAS:** Eu nunca imaginei que isso pudesse acontecer! Como eu não percebi que isso poderia chegar a este ponto? *(Encarando a plateia)* E foi naquele momento que eu senti que não tinha mais forças para continuar. É como se o filme da minha vida estivesse passando pela minha mente em apenas alguns segundos. *(Pausa)* Já se sentiu assim? Como se não tivesse forças para reagir a mais nada! *(Decepcionado)* Eu só conseguia me ver naquele lugar. Com água para todos os lados. Não conseguia ter uma reação. Por dentro, eu estava submerso em memórias e angústias. Pensamentos e emoções que estavam prestes a romper!

*O fecho de luz circular se abre ao fundo e, devagar, uma porta branca aparece de baixo para cima. Ela é refletida no chão, que está molhado. Lucas caminha até essa porta. Os passos do ator são audíveis. Som de passos em chão molhado. Ele se aproxima, fica parado ao lado da porta e aponta para ela.*

**LUCAS:** Está vendo esta porta? Então, esta porta branca é a porta do meu lindo apartamento. Está vendo este piso inundado de água? É o piso do meu apartamento. *(Revolta)* E é aqui, neste lugar, que eu vou ficar! Não há o que eu possa fazer, senão ficar aqui!

*Ele se aproxima, apoia o braço direito na porta, debruça a cabeça sobre o braço. Com a mão esquerda, bate três vezes.*

**LUCAS:** *(Indignado)* Porra!!! Eu não vou sair daqui! Eu não quero falar com ninguém. Pela primeira vez, eu quero ter o direito de não fazer nada! Eu não quero ser e ter a solução para o problema de ninguém! Espero que tudo se acabe ou, quem sabe, eu me acabe! Eu não tenho o controle sobre isso, não quero ter!

*A luz desce e o foco central esmaece. Blackout.*

## **ATO 1**

### **CENA 1**

*Blackout. Sons da estação de metrô. Vozes. Passos.*

**HOMEM 1:** Eita! Tá lotado isso aqui!

**HOMEM 2:** É, mermão, é hoje que criança chora e mãe não vê!

*A luz ilumina o lado direito do palco. Lúcia entra de fones de ouvido e agarra a estrutura que está à frente. Rose entra apressada e esbarra na Lúcia.*

**ROSE:** Nossa, me desculpe! Pelo amor de...

**LÚCIA:** *(Arrumando os fones de ouvido, como se fosse voltar a usá-los)* Imagina... Rose! Você está bem?

**ROSE:** Lúcia, nossa! Nem percebi que era você! Este metrô está cada dia pior! Ah, eu estou bem, sim. Nossa... Ainda bem que hoje saí no horário.

**LÚCIA:** Você mora muito longe do trabalho, não é?

**ROSE:** Eu moro na zona leste, lá no Itaim Paulista. Quase uma hora e meia daqui. Um trampo para chegar no trabalho e ir para casa, mas hoje eu não vou para lá. Tenho um curso lá na Consolação. Às terças e quintas, tenho esse curso, e aí só chego pra lá da meia-noite em casa.

**LÚCIA:** Entendo, Rose!

**ROSE:** Não sei se percebeu, mas estou há um mês na agência e eu sou bem faladeira! Sou curiosa mesmo. As pessoas nem me perguntam e eu logo vou falando. As minhas amigas ficam me zoando, elas falam que eu sou fofoqueira, mas eu não sou, não. Só gosto de saber dos fatos. Afinal, para mim, a informação edifica o mundo.

*Risos de ambas. Lúcia fica em silêncio, como se não estivesse a fim de conversa.*

**ROSE:** Você trabalha há bastante tempo na agência, não é?

**LÚCIA:** Sim. Trabalho há sete anos, mais ou menos. Entrei assim como você. Comecei como estagiária, fui trabalhando e eles me deram uma oportunidade de crescer na minha carreira.

**ROSE:** Que legal! Muito legal mesmo! Deve ser bem bacana trabalhar com o Lucas, não é?

**LÚCIA:** Sim!

**ROSE:** Sabia que ele foi o último a fazer parte da minha seleção? Conversei com ele algumas vezes. Me falou coisas muito legais. Me deu muita confiança. Contou um pouco da história dele dentro da agência, da vida dele...

*Lúcia se demonstra desconfortável com o rumo da conversa.*

**ROSE:** Percebi que faz alguns dias que ele não vem mais na agência. Aconteceu alguma coisa?

**LÚCIA:** *(Desconfortável)* Não! É... Sim... É um problema na casa dele.

**ROSE:** Nossa! Deve ser grave então. Que tipo de problema?

**LÚCIA:** Um problema lá. Um problema. Aí ele vai ficar trabalhando em home office. *(Lúcia completa de forma seca)* É que no banheiro da casa dele tem uma goteira.

**VOZ DO METRÔ:** Estação Paraíso. Desça pelo lado direito do trem!

## **CENA 2**

*Esta cena ocorre em um tempo passado em relação ao tempo do prólogo. Apartamento de Lucas. Palco iluminado de forma confortável, com uma cor do pôr do sol. Alguns objetos estão espalhados, como se tivessem sido esquecidos.*

*A corretora, que está vestida sofisticadamente e quase exagerada em acessórios, abre a porta branca e entra na sala. Lucas entra logo atrás e está vestido de forma elegante e moderna.*

**CORRETORA:** *(Sorrindo e sarcástica)* Então, senhor Lucas! Encontrou o seu paraíso?

*Lucas passeia pelo ambiente, analisando-o.*

**LUCAS:** Engraçado você falar dessa forma... Sabia que eu me sinto no paraíso quando estou aqui?

**CORRETORA:** Pois é... Já é a quarta vez que fazemos essa visita...

**LUCAS:** Sim, realmente é a quarta vez. Como você trabalha com imóveis, deve imaginar o quanto é difícil tomar essa decisão. Sempre que venho aqui, eu quero ter certeza de que consegui verificar tudo.

**CORRETORA:** Bom, isso eu já falei para o senhor... para não se preocupar. Todo o combinado entre nós estará descrito no contrato.

**LUCAS:** Acho engraçado me chamar de senhor. Eu tenho 30 anos!

**CORRETORA:** *(Aparentando pressa)* Não importa a idade. Se trata apenas de respeito profissional. Então, lembra que, antes do nosso encontro, eu avisei que tinha um outro compromisso?

**LUCAS:** *(Inebriado com o espaço e interrompendo-a)* Entendo. Porém, espero que tenha tempo para fechar o negócio! *(Vivendo a conquista)* Pois é este apartamento que eu quero!

*A corretora aparenta não acreditar no que ouve. Lucas caminha em passos leves, como se o ambiente pertencesse ao seu corpo. A corretora ouve com desconfiança.*

**LUCAS:** Desde quando abri a porta e entrei neste apartamento, é como se a luz do sol que entrasse por estas janelas me chamasse para a vida que eu sempre esperei. *(Voltando a olhar para a corretora)* Acredita que o meu sonho está se realizando?

**CORRETORA:** *(Desconfiada)* É... muitos clientes falam isso para mim! Fico muito feliz, no entanto, precisamos falar sobre...

*Lucas interrompe.*

**LUCAS:** *(Firme)* O valor é o mesmo que havíamos combinado, não é? Vou pagar a metade como entrada e o restante será financiado!

*A corretora se desarma e acredita em Lucas.*

**CORRETORA:** Que boa notícia, meu querido Lucas! Risos de ambos.

**LUCAS:** Ah... que maravilha! Esqueceu do “senhor”. Por favor, providencie toda a documentação.

**CORRETORA:** Claro! Encaminho tudo para você. Estou à sua disposição e, por favor, me procure caso tenha alguma dúvida ou precise de algum auxílio.

**LUCAS:** Eu agradeço muito a sua atenção e sua paciência! Negócio fechado então?

**CORRETORA:** Fechadíssimo! O sen... você fez uma ótima aquisição e não irá se arrepender.

*Os dois se cumprimentam e sorriem cordialmente. Lucas continua passeando pelo ambiente. A corretora desacelera e fica mais atenta à conversa.*

**LUCAS:** Quando eu olho para este lugar, eu fico imaginando as vidas que passaram por aqui, as histórias e os momentos que foram vividos e que talvez nem consigamos imaginar. *(Voltando para a corretora)* Acredita que eu sempre quis morar aqui? É... Isso me faz recordar de quando eu trabalhava como office boy. Levava quase três horas para chegar até aqui. Eu saía de casa todo dia às 5 da manhã e chegava um

pouco depois das 8 aqui, no centro da cidade. Tomava bem rapidinho o meu café da manhã e aproveitava para olhar os prédios e observar as pessoas. *(Apontando para a janela)* O escritório em que eu trabalhava ficava na outra esquina. E eu aproveitava também o horário do almoço para ficar vendo as pessoas entrando e saindo, imaginando como seria a vida delas neste prédio.

**CORRETORA:** Que grande realização, não é? Me desculpe a pergunta, eu não me atentei a isso antes: qual é a sua profissão mesmo? Você fala com tantos detalhes sobre este prédio e da cidade. Eu acho que é um profissional da arquitetura. Acertei?

**LUCAS:** Não. *(Risos)* Sou só um curioso da vida mesmo. Sabe como é a vida. Comecei lá naquela empresa em que fui office boy. Essa empresa prestava serviços para uma agência, fiquei um bom tempo lá. Depois eu fui chamado para trabalhar com um dos gerentes que foi para essa agência de comunicação e, por consequência, acabei estudando e me formando em comunicação social. E hoje eu trabalho como redator publicitário. Acho que tive é muita sorte.

**CORRETORA:** Sorte não, meu caro. Persistência! *(Pausa e busca agradá-lo)* Sabia que o perfil dos moradores deste condomínio está mudando bastante? Muitos jovens estão optando por morar nesta região. Acho que o morador mais antigo do prédio é o seu futuro vizinho do apartamento de cima.

**LUCAS:** Como sabe?

**CORRETORA:** Na imobiliária fizemos vários negócios com apartamentos deste prédio. Já até o procurei para tentar fazer uma oferta, mas é difícil o contato com ele. Quem consegue falar e até parece ter a chave do apartamento é a Maria, esposa do zelador.

*Lucas aparenta não dar muita atenção ao assunto. Continua mais atento em verificar os detalhes do apartamento.*

**LUCAS:** E qual é o nome dele?

**CORRETORA:** Não sei. Aparentemente, ele quase não fica no apartamento. De vez em quando aparece por aqui.

**LUCAS:** Isso não deve ser difícil saber. Com certeza deve ter uma lista com os condôminos e o síndico deve saber.

**CORRETORA:** Acredito que sim!

**LUCAS:** Estou tão empolgado que já queria ficar aqui agora. É como se o tempo tivesse passado tão rápido! Como se eu fosse ainda aquele menino que via tudo do lado de fora. *(Pausa e risos)* Bom, mas não posso mais tomar o seu tempo...

**CORRETORA:** Lucas, por favor, não seja por isso. Veja todo o apartamento, tire fotos. Esse momento é único. *(Corretora anda e puxa Lucas pela mão, indo em direção contrária à*

*porta de entrada)* Venha, já sabe como mobiliar este apartamento para ficar com seu jeitinho? Você me parece ser bem criativo e estiloso. Viu o piso de madeira? É original da década de 50, está conservadíssimo. Ah... Você viu os azulejos do banheiro? Uma relíquia! E, agora que isso aqui é todo seu, terá todo o tempo do mundo para ficar aqui!

*Corretora e Lucas saem de cena.*

### **CENA 3**

*Esta cena é um conjunto de ações para a transição de tempo, representando a chegada de Lucas ao apartamento até o tempo presente do prólogo. O cenário muda conforme as ações de Lucas. Objetos cênicos preenchem os ambientes propostos.*

*No centro está o ambiente social com uma mesa, cadeira e um sofá. Do lado esquerdo está o banheiro. Lucas realiza atividades cotidianas nesse espaço. Ele se senta, deita-se, usa o banheiro, janta e escreve. Pratica as ações por meio de um fluxo de pensamentos.*

*Esta primeira parte da cena representa um tempo muito soltar da vida de Lucas.*

**LUCAS:** O tempo, a partir daquele instante, foi o meu melhor amigo. Quando pisei como morador neste apartamento, foi como se tudo o que eu havia pensado estivesse aconte-

cendo. Aquele jovem sonhador estava se sentindo realizado. Os dias eram maiores, e eu não precisava mais atravessar a cidade para estar perto do trabalho. Não mudei quase nada no apartamento. Sempre gostei do piso de madeira, dos azulejos do banheiro e do pé-direito alto. Gostava mais ainda do aspecto novo que minha vida ganhava. Me sentia pertencido a um mundo que eu só via do lado de fora. Dentro de mim só havia a sensação de dever cumprido. Logo quando cheguei, não conhecia muita gente, pois passava a maior parte do tempo trabalhando e logo voltava para cuidar das minhas coisas. E, quando tirava férias, aproveitava para viajar e conhecer novos lugares, apesar de serem poucas, pois eu vendia a outra parte para juntar mais dinheiro para pagar as despesas e, de uma certa forma, tentar alguma promoção no trabalho. E, para o trabalho, eu sempre tive sangue nos olhos.

*Esta segunda parte da cena se mantém ainda solar, com uma atmosfera bucólica.*

**LUCAS:** Depois de algum tempo, algo dentro de mim parecia um pouco sem sentido. Só o tempo não bastou como amigo. Foi então que veio a Lúcia, uma grande parceira de trabalho. Além de colegas, logo depois de um tempo, nos tornamos grandes amigos. Um sempre deu muita força para o outro no trabalho e na vida também. *(Levemente sorri)* E nossas altas conversas de madrugada então? Por conta dessa amizade, até comecei a sair mais de casa e a ver um pouco mais de gente. E até me interessei em me relacionar com outros ca-

ras. *(Cabisbaixo)* E esse é um ponto que me pegava. Sempre fui muito tímido e retraído em relação a isso. Acho que, sei lá, nunca me senti tão atraente. E nunca me vi como o tipo de cara que os outros curtem. Acho que esse tipo de pensamento colaborou para que eu tivesse as experiências frustradas do passado. Assim como diz uma música da Lauryn Hill,

*(Cantarolando em ritmo de rap)*, Lost Ones, “Você pode ganhar algumas, mas acabou de perder uma”. E nesse quesito, até então, eu estava sempre perdendo. *(Leve e nostálgico)* Foi aí que surgiu o Rogério e ele parecia ser um pouco diferente dos outros. Talvez seja. Não tenho certeza. O que importava mesmo é que eu estava gostando. E criamos uma relação muito bonita. Confesso que, no início, estava meio inseguro. Aos poucos ele foi me conquistando com o seu jeito leve e engraçado de ver a vida. Desde a primeira vez, me falou que eu parecia ser muito certinho. *(Confuso)* Era estranho no começo, quase desconfortável. Acho que foi pelo tempo em que fiquei sozinho. E, do nada, ele sempre estava aqui. Não me acostumei de primeiro, mas sempre foi muito bom. Era tão bom estar com ele. Todas as outras coisas pareciam não ter muita importância. Não pareciam ter. Até que a própria vida me fez questão de dizer que tinham.

*Pausa. Tensão. Som de pessoas falando. Jornais de TV. Sons de ambulância.*

**LUCAS:** Quando eu olho para essa fase da minha vida, lembro do dia que eu estava prestes a iniciar um novo projeto no traba-

Iho e tivemos que abandonar o escritório, e todo mundo ficou sem saber o que fazer. Chegou uma pandemia. Para mim, parecia que iria durar 15 dias, mas durou quase três anos. Se me perguntarem até hoje como foi aquilo, eu não sei o que responder. Dentro dos meus privilégios, estava vivendo bem. Fiquei isolado. Foi um momento que tive para poder me conectar comigo mesmo. De forma forçada, claro, mas verdadeira. Não sei se saí melhor. Porque, na minha cabeça, nem sei se saí. Sobrevivi. Umas horas com dor. Outras com confiança. Outras com vergonha de fazer parte da raça humana. Um misto de compaixão e raiva. Isso me levou muito a refletir sobre quem eu era e como eu estava vivendo.

*Esta terceira parte da cena representa o convívio familiar de Lucas. Objetos cênicos no palco que representam o que ele diz.*

**LUCAS:** Eu vim de uma família que acredita em Deus. O nosso Deus não era um juiz, ele era apenas uma porta aberta para encontrar alguma esperança para uma vida de sobrevivência e luta que os meus pais tiveram. Essa luta abriu uma pequena lacuna para que eu pudesse sonhar. Talvez nem sejam sonhos grandiosos, apenas o básico de uma vida mediana a que todos têm direito. Ter um trabalho de carteira assinada, ter uma casa própria e a garantia de uma aposentadoria. Isso sempre foi o símbolo de status para quem sempre recebeu o “não” como resposta para alguma vontade além das necessidades básicas. Entre uma vida de muitos desafios, fui descobrindo que podia ir um pouco mais, através das pequenas oportunidades que

apareciam. *(Nostalgia)* Lembro até hoje da primeira palavra que aprendi a ler e a escrever. Foi balaio. Sim. Balaio. BA-LAI-O. *(Risos)* Ficava repetindo várias vezes ao dia. Desde então eu senti que, de alguma forma, estaria metido com as palavras. Minha mãe, mesmo mal sabendo ler e escrever, me incentivou sempre a estudar e falou que o conhecimento seria o maior bem que ela poderia me ajudar a ter. Ela sente muito orgulho de saber que seu filho construiu a sua vida através das palavras. *(Reflexivo)* Dez anos se passaram e hoje tenho um trabalho estável, um bom companheiro, um apartamento maravilhoso e teoricamente uma vida invejável. *(A luz esmaece, acompanhando o ritmo do fluxo de pensamento até o final)* Mesmo assim, hoje me pego pensando em muitas coisas. Muitas perguntas começaram a surgir em minha cabeça depois de mais velho. Eu não consigo ter as respostas. Talvez seja porque eu, com quase 40 anos, não me permiti fazer muitas perguntas. E, quando um pequeno indício de liberdade começa a aparecer, eu procuro um jeito novo de me prender.

*Blackout.*

## **ATO 2**

### **CENA 1**

*As próximas cenas não seguem uma linearidade de tempo. O ambiente que aparece é somente aquele onde a ação acontece.*

A luz acende. Lucas aparece sentado em uma poltrona, com uma mesa na lateral. Na mesa tem um copo. Ele abre uma cerveja e despeja no copo.

**LUCAS:** *(Bebendo a cerveja)* Os dias eram compridos e cansativos. Confesso que alguns dias da semana eu nem sabia qual eram. E, para tentar relaxar, encontrei um novo hábito. Depois de cumprir com minhas obrigações, sento-me aqui, abro uma cerveja e fico contemplando o pôr do sol.

*Lucas se levanta e olha para o horizonte. Começa a ficar levemente alcoolizado.*

**LUCAS:** Eu não tinha mais a companhia do Rogério. E se me perguntassem o aconteceu? *(Pausa)* Eu não saberia responder. Também não fui atrás de respostas. Na hora em que recebi a ligação dele, eu apenas aceitei o que ele me disse. Para ele, era uma decisão acertada. Sim. *(Pausa)* Na hora me pegou de surpresa. Fiquei com raiva. Não fui reativo. Sentia que estávamos mais afastados por tudo que vinha acontecendo. Achei que era algo de momento e que logo aquilo iria passar, mas não passou.

*Lucas, com um sorriso aliviado, levanta-se, bebendo. Anda pelo ambiente. Ouve-se o som de um piano que começa a tocar.*

**LUCAS:** Esta melodia. Esta música. *(Pausa)* Todo dia. No mesmo horário. *(Acompanhando a música em um peque-*

*no bailado*). Parece vir do apartamento de cima. Eu não sei de onde exatamente ela vem, apenas a sinto. *(Dançando e bebendo)* Os finais de tarde são preenchidos por esse som. Os pensamentos ruminantes da minha mente vão sumindo bem devagar. É o momento que eu tenho comigo mesmo. Como se algum espaço dentro mim fosse preenchido por esta melodia. Tudo fica mais leve e sereno.

*Blackout. Piano ainda toca.*

## **CENA 2**

*Sons de metrô. Pessoas conversando. Barulho de escritório. A luz se acende e Lucas está no metrô. Lucas segura a estrutura de ferro.*

**LUCAS:** Aos poucos a vida aparenta voltar ao normal. *(Pausa e sons do agito da cidade)* Pessoas na rua. Trânsito. Aquela falsa sensação de que tudo está bem. Parecia que eu não conseguia andar direito. As pessoas que passavam por mim pareciam estar prestes a esbarrar em mim. *(Pausa)* Sem equilíbrio *(Piano começa a tocar)*. Andava pelo metrô vagando pelo vagão. Perdido em algum espaço do tempo. Mesmo cedo da manhã, só sentia um alívio quando pensava em voltar para casa, sentado em minha poltrona com a minha cerveja na mão e ouvindo aquela música para relaxar.

*Lucas sai do metrô. Na lateral do palco aparece sua poltrona, com a mesa lateral e a cerveja em cima dela. O apartamento de Lucas aparenta descuidado.*

**LUCAS:** Em nada eu lembrava aquele rapaz sonhador que tinha vindo morar aqui. Por que a minha vida estava mais pragmática? *(Pausa)* Parecia não existir força alguma para coisa alguma. Eu só conseguia enxergar uma distância insuperável entre o que queria e o que realmente eu precisava. *(Pausa)* E o que eu precisava? *(Lucas encara a plateia)* Será que alguém já se sentiu assim?

*Lucas começa a dançar. Cantarola a música. A música para e ele encara novamente a plateia.*

**LUCAS:** Desde então eu não ouvi mais a música.

*A música para de tocar. Silêncio. Um som de interfone toca. Lucas fala com Maria (esposa do zelador). Maria é representada apenas por voz.*

**MARIA:** Boa noite, seu Lucas. É a Maria. Tudo bem?

**LUCAS:** Tudo bem! Como você está, Maria?

**MARIA:** Me desculpe, mas faz algum tempo que eu tenho ligado para o senh... *(Risos)* você, mas toca e toca e ninguém atende. Então, acontece que faz algum tempo que chegou uma encomenda para o seu Rogério e acabei pe-

gando. Ele tá aí? Nossa, eu gosto tanto dele. Na verdade, eu gosto de vocês dois. O senhor está muito ocupado? Eu posso levar a encomenda aí.

*Lucas disfarçando.*

**LUCAS:** Ele não está aqui agora, mas, em alguma hora que eu sair, eu passo por aí e pego com você. Obrigado, viu?

**MARIA:** Ah, que pena que eu não tenho mais visto vocês. Vocês são muito gente boa. Não é igual ao povo deste prédio, que vive reclamando. Reclamando de tudo. Eu já falei que não sou a síndica deste prédio e que o povo deveria falar diretamente com ele.

**LUCAS:** Como assim estão reclamando?

**MARIA:** Reclamam de tudo. Das pessoas. Do dia. Da vida. Do barulho.

**LUCAS:** Como assim? Alguém pode reclamar do som de um piano?

**MARIA:** Que piano, seu Lucas? Antes fosse que o latido de um cachorro tivesse som de piano. Não teria todos os dias tanta reclamação.

### **CENA 3**

*Luz branca ilumina o banheiro branco.*

**VOZ DE LUCAS:** *(Raiva contida na voz)* Foram quase 15 anos dedicados àquela agência e hoje me mandaram embora como se eu não fosse nada.

*Lucas corre até o banheiro. Senta-se na bacia sanitária e encara a plateia.*

**LUCAS:** Quando eu era criança e aprontava alguma coisa de errado e minha mãe vinha correndo com chinelo atrás de mim, eu saía correndo para o banheiro e fechava a porta. Ela respeitava e não entrava. Eu ficava na espreita até ela se acalmar para poder sair. *(Aflito)* Quando experimentei cigarro pela primeira vez, filei um do meu tio e traguei escondido dentro do banheiro. Mesmo com a tosse, o sufoco e a tontura, tentava desesperadamente espantar a fumaça com a toalha para não ser pego. Quando dei o primeiro beijo em um garoto, foi dentro de um banheiro, escondido. Não lembro direito quantos anos tinha. De tudo o que para mim sempre foi proibido, o banheiro sempre foi meu escudo. *(Desespero)* E agora estou aqui sentado nesta bacia, como uma criança de 7 anos que aprontou alguma coisa de errado.

*Silêncio. Lucas anda pelo banheiro como se estivesse sufocado e sem respiração. Representação de uma go-*

*teira que escorre pelas paredes do banheiro, Lucas ainda não percebe. Lucas ri. Desespero. Bate duas vezes em uma das paredes. Lucas fala como se estivesse fazendo uma propaganda.*

**LUCAS:** *(Quase em surto, com deboche)* Venha! Venha! Você não pode perder a oportunidade de ter este lindo apartamento na sua vida. Olhe que relíquia de banheiro para seu momento mais íntimo. Estes azulejos da década de 50 representam a mais nobre arquitetura da época. Venha! Venha! Você irá tomar banho no banheiro de um fracassado redator que foi demitido. Venha! Venha! Você irá cagar na mesma privada de um fudido que foi abandonado pelo namorado. Venha! Venha!

*Lucas começa a rir sarcasticamente. Ri alto. Cai no chão. Levanta-se. Encara a plateia.*

**LUCAS:** Talvez seja isso. Eu sou uma grande merda. E merda se faz e ela se esvai pela privada do banheiro até sumir, como se nunca tivesse existido.

*Blackout.*

## **ATO 3 - FINAL**

### **CENA 1**

*Nesta cena, conforme Lúcia relatar o que aconteceu com Lucas para Rose, a goteira, o desabamento do forro serão representados por meio do choro prendido de Lucas. Luzes piscam como se a energia elétrica estivesse falhando. Metrô e a porta do apartamento do Lucas aparecem. Todos vazios.*

*Luz foca no metrô. Lúcia e Rose estão posicionadas conforme o final da Cena 1 do Ato 1.*

**VOZ DO METRÔ:** Estação Brigadeiro. Desça pelo lado direito do trem.

**ROSE:** Lúcia! Você está bem, mulher? O que aconteceu?

**LÚCIA:** Sim, estou!

**ROSE:** Esse metrô lotado, cheio, atrapalha até nossa foc... conversa. Mas você está bem?

**LÚCIA:** Sim, estou!

**ROSE:** Nossa, que inferno isso! Todo dia é isso. Não sei pra que tanta gente aqui. *(Curiosa)* Mas me conta: o que aconteceu com o Lucas? Como assim ele não está vindo

para a agência? Como assim por conta de uma goteira?  
Não existe encanador onde ele mora?

*Lúcia se levanta e encara a plateia.*

**LÚCIA:** Sim, mas não é somente isso.

*Do outro lado do palco, aparece a porta da sala do apartamento de Lucas, o chão com água.*

**LÚCIA:** *(Encarando a plateia. Rose fica um passo atrás de Lúcia)* Fazia um tempo que tinha uma goteira no banheiro do apartamento de Lucas. Ele não tinha percebido isso. Ele não havia imaginado que algo tão simples poderia tomar uma proporção tão grande.

*Lucas abre a porta e entra na cena.*

**LÚCIA:** *(Encarando a plateia)* Aquela goteira, apesar de insistente, era quase invisível. Ele não a via. Eram pequenas gotas que saíam através do forro do banheiro e escorriam pela parede, descendo pelos azulejos e procurando um lugar para desaguar.

*Lucas se demonstra consternado. Encosta na porta, olha para cima. Choro preso.*

**LÚCIA:** *(Entre pausas)* Em uma madrugada, quando ele estava dormindo, ele acordou com um barulho. Um estrondo. Um barulho muito alto! *(Som de teto desaban-*

*do, Lucas na porta desesperado)* Ele acordou assustado, correu até o banheiro e foi lá que encontrou o forro desabado no chão. Água para todo lado, tudo molhado. E ele não sabia o que fazer naquele momento, parecia uma cena de guerra.

*Lucas se abaixa. Encolhido como se estivesse com medo de algo.*

**ROSE:** *(Se aproximando de Lúcia e encarando a plateia, impressionada e quase cochichando)* Meu Deus! Como isso pode acontecer? O que ele fez?

*Lucas encara a plateia.*

**LÚCIA:** O pior ainda estava por vir. Ele nunca encontrou o morador do apartamento de cima. Interfonou e nada. Estava desesperado com toda aquela água que inundava o apartamento. Foi então que chamou a esposa do zelador do prédio. Eles subiram, foram até o apartamento.

*Som de porta sendo aberta.*

*Nesta cena, Lucas é tomado por um choro incontrolável enquanto Lúcia narra a história. Aqui se inicia a música que Lucas ouvia do seu apartamento.*

**LÚCIA:** A esposa do zelador ficou na porta. Lucas entrou no apartamento do vizinho. Enquanto ele entrava ali, era como se estivesse entrando em sua alma e em seu cora-

ção. Havia lugares escuros e empoeirados. Objetos perdidos e esquecidos que um dia foram amados. Ele percorreu todos os espaços, procurando o lugar real daquele vazamento incontrolável. As luzes mal funcionavam e ele estava perdido. A água também tomava conta daquele apartamento abandonado. Até que ele encontrou o banheiro. A torneira da pia aberta. Água para todos os lados e um corpo estendido no chão.

*Lucas em um choro incontrolável. Luz do metrô se apaga. A música para.*

**VOZ DE LÚCIA:** E foi então que Lucas voltou para o apartamento dele. E ficou prostrado na porta, como se quem tivesse morrido fosse ele.

*Lucas vira de costas para a plateia, se aproxima da porta, apoia o braço direito na porta, debruça a cabeça sobre o braço.*

**VOZ DO METRÔ:** Estação Consolação, desça pelo lado direito do trem.

*Blackout.*

## EPÍLOGO

*Luz branca ilumina o palco da mesma forma do prólogo.*

*Lucas está prostrado na porta.*

*Lucas se desfaz da postura, vira para a plateia e caminha pelo espaço inundado.*

**LUCAS:** Eu não vi um corpo estendido no chão. Eu não tinha visto uma torneira aberta e água inundando todo o espaço. *(Lágrimas)* Eu tinha visto um apartamento em que eu poderia morar. Eu tinha visto a minha demissão. Eu tinha visto o fora que eu tomei do Rogério. *(Raiva)* Eu tinha visto uma pandemia. Eu tinha visto uma maldita corretora que dizia, em seus olhos, que eu não tinha capacidade de comprar um apartamento. *(Pausa)* Eu tinha visto o balaio vazio, que eu aprendi o seu nome, para o preencher de palavras, da ilusão que construí na vida e assim poder sobreviver. *(Pausa)* Inseguro. Medroso. Fraco. Sensível. Dramático. Melindroso. *(Encarando a plateia)* A maldita água estava ali. Todo dia escorrendo pelo meu banheiro e eu não a via. Assim como uma luta interna que eu travava com as minhas emoções para poder sobreviver a tudo o que está posto na sociedade sobre como um homem preto e gay deve ser.

*Lucas vira de costas para a plateia e anda pelo piso inundado. Vai até a porta, cantando um trecho da música “As aparências enganam”.*

**LUCAS:** As aparências enganam  
Aos que odeiam e aos que amam  
Porque o amor e o ódio se irmanam  
Na geleira das paixões  
Os corações viram gelo  
E depois não há nada que os degele  
Se a neve cobrindo a pele  
Vai esfriando por dentro o ser  
Não há mais forma de se aquecer  
Não há mais tempo de se esquentar  
Não há mais nada pra se fazer  
Senão chorar sob o cobertor

*Ele se aproxima, apoia o braço direito na porta, debruça  
a cabeça sobre o braço. Luz desce. Reflexo dele no piso.  
Luz esmaece. Blackout.*

**FIM**

---

**DJALMA RIBEIRO DA SILVA JUNIOR**

*É designer, especialista em arquitetura comercial e foi professor universitário na Faculdade Paulista de Artes. É formado em dramaturgia pela Fundação de Artes de São Caetano. Como cenógrafo desenvolveu o cenário de Dom Quixote de La Sampa, contemplado pelo PROAC e da A Última Fake News, ambas produzidas pela Dona Mirna Cia de Arte. Como dramaturgo, escreveu CR22 - Tempo da Sua Vida, a ser produzida de forma independente pelo Coletivo Zumbido, e a inédita A Goteira, uma das dramaturgias vencedoras do Prêmio Solano Trindade.*

---



# VINTE E TRÊS:

[Encruzilhada no  
tempo: cênico,  
da memória e  
da realidade]



---

por  
**LUZ RIBEIRO**

**SINOPSE:** Exu, negociando com *Chronos*, transita pelo tempo e espaço de personas, que no primeiro momento encontram-se enclausuradas em repetições históricas. A busca da cura social por meio de epidemias. Episódios que buscam uma boca para se recontar, tudo rumo para interditar o fim e desinterditar recomeços.

**PERSONAGENS:**

**SETE [EXU NARRADOR]**

**UM**

**DOIS**

**TRÊS**

**QUATRO**

**CINCO**

**SEIS**

**AKUJI [MORTO E ACORDADO]**

**ABIASÉ**

*TODO MUNDO [FORMAÇÃO DE CORO, QUE NÃO PRECISA OBRIGATORIAMENTE SER COMPOSTO DE TODOS OS ATUANTES]*

## PRÓLOGO

Narrador encontra-se em cena, aguardando o público, recebendo-o com boas-vindas, enquanto come farofa ao esperar que todos se acomodem. Três assovios marcam o início do experimento.

**SETE [EXU NARRADOR]:** Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Essa é fácil de responder: Eu! Marquei aqui no hoje o nosso reencontro. Não sei se todes se recordam, se todes que estão no agora estavam aqui no passado, por isso ajudarei vossas memórias: eu sou uma testemunha ocular do tempo. O que quer que seja eu sei. Habita em mim a vontade jovial e juvenil de falar sobre tudo. E sobre tudo eu sei. Sendo assim, decupo e organizo os seus desejos, que na verdade são os meus, para escrever e dizer:

Eu assisti ao mundo ser construído. Sei onde as pessoas guardam seus desejos e medos. Reconheço seu sussurro último e inaugural, eu tudo vejo. Como todo jovem, bebo e como primeiro. E, como poucos jovens, os velhos me saúdam antes. Nesse espaço cênico, as histórias que aqui serão contadas não se completam, apenas se fiam. Não procurem caminhos. Embora o caminho eu seja, neste momento, não os dei. Narrativas-fissuras e seus supostos vazios se preenchem. Aqui **[Fazer gesto como quem risca o chão]** neste palco-encruzilhada, cruzarei algumas histórias e tecerei novos desígnios, farei dos

fins recomeços, e recomeços, destinos. Se o mundo é um ovo, fui eu quem o choquei.

Quanto ao tempo **[Um dispositivo será acionado a fim de contabilizar a partir de então os 23 minutos]**, ele ajudará a recontar essas histórias. Para cada silenciamento-mazela, um número será chamado: personagem-fábula UM, DOIS, TRÊS, QUATRO, CINCO, SEIS e EU. E eu sou TODO MUNDO. O meu nome? Antes do fim que não veio, eu deixo.

Nesse momento, atores e atrizes buscam nomes e histórias, atores e atrizes intuem quem são.

*[Coreografia chamamento]*

**TODO MUNDO:**

O tempo levou tanto tato  
Tanto tempo  
Quanto tempo tenho?  
Se é que eu tempo tenho

O ar que me falta  
O sangue que eu lamento  
Abikus com maior tempo  
É falta de tempo

Essa história não é minha  
É de tanto não ser

É outra  
É de tanto não ser  
É nossa  
É passado que se escreve agora

Ao relator dessas histórias  
Ao descritor desses orikis  
Empresto o meu corpo-templo  
Devolvo minha boca ao tempo  
Se é que tempo eu tenho

Falo como quem sabe  
Que todo beijo é o último  
Que todo oi é o primeiro  
Se deus é mesmo um tempo  
No meu peito se faz forasteiro

[Assobio]  
Meu tempo é outro  
É o encontro de Kairós com Chronos  
O desejo de que reine Iroko  
O tempo é um deus  
E eu sou outro

Quem determina meu tempo?  
Quem não me deixa descansar?

Nesse palco-encruzilhada  
O tempo é um deus  
O tempo é um deus  
O tempo é um deus A repactuar

## **CENA 1 – TEMPO CÊNICO**

**Nesse momento, UM e DOIS permanecem em cena** *[Atores falam o texto em postura neutra, de frente para a plateia]*

**SETE [EXU NARRADOR]:** Epidemias médicas, morais e sociais se cruzam. Destas, qual mais te assusta? Ordeno: que boas bocas encontrem o caminho de se contar por si, que as más bocas se emprestem para narrar o que precisa e ainda não foi dito. Se a boca do mundo sou eu, eu falo por todas as bocas, pactuo agora com o passado que todos os fatos tidos como desimportantes sejam narrados. Onde habitou o silêncio, palavra.

**CENA 1 – Tempo Cênico – São Paulo, 1983 e 2021, um escritório na Vila Mariana.**

**UM:** 1983

**DOIS:** 2021

*[Atores assumem a posição de um de frente para o outro, com mãos que não se tocam]*

**UM:** Ela entrou sem que eu mandasse.

**DOIS:** Eu entrei sem eu querer.

**UM:** Mais uma a pedir aumento.

**DOIS:** Mais um não pra receber.

**UM:** É sempre assim. “A vida é dura.” “Me ajuda.”

**DOIS:** Estou sempre ouvindo “Não seja mole”, “Se ajude”.

**UM:** No meu tempo não era assim.

**DOIS:** Há quanto tempo o tempo não muda?

**UM:** Eu tenho que ter o quê?

**DOIS:** Escuta. Escuta. Parece que ninguém me escuta.

**UM:** Eu não tenho nada a ver com o que acontece com você.

**DOIS:** Todo dia ponto. Ponto. Bater ponto. Que não sutura nada. Quem me colocou nessa cilada?

**UM:** Eu tô cansado, preciso de férias.

**DOIS:** Eu tô cansada. Só por hoje, não fico um minuto a mais.

**UM:** Preciso abrir novos negócios.

**DOIS:** Preciso negociar o ócio.

**UM / DOIS:** Sempre ensimesmado/a, não consegue me ver.

*[DOIS se vira para a plateia]*

**DOIS:** “Eu não consigo respirar.” Com os olhos marejados, foi a última frase de amor que ela disse pra mim. Ela me amava e eu sabia. Ela perdeu o ar e eu preciso de aumento porque ela perdeu o ar. Será que é isso mesmo que eu quero falar? Eu quero falar disso ou que ainda tenho 21 anos e índices me dizem que mais 45 anos são tudo que me resta? E se eu não vestisse essa pele? Eu me preocuparia tanto com o tempo? Examinaria meticulosamente os relógios e seus ponteiros? Carrego na boca o gosto de atraso, gema mole e desgosto. E protego o meu peito uma casquinha fina, igual à do ovo, que trinca em cada quina. Será que, se eu falar que há semanas como a mesma coisa, comoveria? Ou me ensinariam a pescar a galinha? Cozer o tempo e comê-lo cru, degustar a pressa sem chance de lambe os dedos, desejar lambe a vida ao invés de ser mastigada ferozmente. Se eu pudesse, não pediria aumento salarial. Pediria aumento de vida. Eu peço e tropeço em ambos. Queria viver 120 anos, igual a minha avó sonhou, mas ela desaprendeu a respirar antes. 120 anos, mas, se eu chegar nessa estatística, não for interrompida, já está bom. Quanto tempo eu ainda tenho mesmo?

*[DOIS volta para a posição inicial enquanto UM se vira para a plateia]*

**UM:** Uma vez. Uma única vez eu deixei a mão dele me tocar. Uma vez. Uma única vez. A gente tinha bebido muito vinho, mas ele era meu melhor amigo. Um abraço, um pouco mais íntimo, as têmporas rosadas e eu querendo aprender a soletrar L - I - B - I - D - O, libido. A mão dele podia me fazer caber onde ele quisesse. Inclusive ali, eu já estava na mão dele. Ele me cabia, intuí e coube. Lembro que, quando o vi liquescer, pensei: “isso parece clara, clara e calaza”. Calaza, sabe? Aquela partezinha retorcida grudada na gema, suspensa na clara? Então, calaza. E desde ali o amo e desde ali odeio ovo. Desde ali nunca mais o vi. Se casou cedo para não dar desgosto pra família. Casou e não me convidou. A gente era amigo. Como não se convida um amigo pro próprio casamento? Pior, como não se casa com o próprio amigo? Quanto tempo faz isso? E desde ali eu o carrego comigo, no peito, nas veias, no sangue e nas lembranças. **Quem falou isso?** O câncer cor-de-rosa chegou e descoloriu tudo. Será que ele se casou e curou? Será que viveu quantos anos mais? Será que vive em outro lugar que não em mim? **Quem me sopra esse enredo-segredo? Quem?** Eu estou cansado, mas ainda espero um convite para que minha memória desaprenda a contar histórias que iniciem com “uma vez”, “uma única vez”. **Essa história é mesmo minha? Quem foi que contou?**

*[UM volta à posição inicial, depois se senta na cadeira. DOIS sai. UM sai]*

## **CENA 2 – DA MEMÓRIA – PARTE 1**

### **TODO MUNDO:**

Cobaias de Deus  
não vão pro céu  
São réus  
Reféns da imoralidade  
Suscetíveis à incredulidade

Cobaias de Deus  
não vão pro céu  
Experienciam cruezas  
e crueldade  
Em terceira pessoa  
do singular

Ela, o problema é ela  
Dela  
Ele, o problema é ele  
Dele

Dele, dela  
Quem?  
Eu?  
Nós?

*[TRÊS e QUATRO estão um de frente para o outro]*

**SETE [EXU NARRADOR]:** Quando uma pessoa não se sente ouvida, amparada, eu estou nela. Pego a palavra lançada no vento, despreziosa, e transformo em desejo. Sou a dualidade e a todo tempo pertencço, teço: um mundo dentro e outro fora, e eles se complementam, penso. Vasculhei todas as fendas, com histórias para contar, e todos que não têm nome terão fabulações para registrar. Essa história se passa em 1984.

**CENA 2 - Da Memória - Parte 1, Rio de Janeiro, Baixada Fluminense, São João de Meriti.**

*[Atrizes estão de frente, sentadas em uma cadeira, muito perto uma da outra]*

**TRÊS e QUATRO:** A gente se tinha até que...

**TRÊS:** Eu o vi chorando por dias.

**TRÊS e QUATRO:** A gente se tinha até que...

**QUATRO:** Eu aprendi a secar.

**TRÊS e QUATRO:** A gente se tinha até que...

**TRÊS:** Uma porta se colocou entre nós.

**TRÊS e QUATRO:** A gente se tinha até que...

**QUATRO:** A ausência de informação nos levou de nós.

**TRÊS e QUATRO:** A gente se tinha até que...

*[Áudio de noticiários do período: <https://www.youtube.com/watch?v=QYt61wcerQs> - A descoberta da AIDS - 1983 - Primeira reportagem na TV brasileira]*

**TRÊS:** Ele passa parte dos dias deitado, um retrato bonito e quase impossível de ser alcançado. Uma nesga, uma fenda, uma lacuna, tudo isso é o que cabe entre meu tio e eu. Tanta dúvida que não preenche nenhum espaço.

**QUATRO:** Quem faria uma janela com vista para o muro? Pensando bem, o muro veio depois. Os medos surgem e, com eles, as paredes. Algumas transponíveis, outras são só paredes mesmo. Sorte a minha ter o final do céu para ver. E é bom saber que sorte ainda tenho. Às vezes parece que não tenho nada, e isso me faz querer chorar, mas acho que já desaprendi, por isso canto, para inundar cada canto desse quarto de tristeza. Eu me esforço para dar um sorriso cada vez que vejo o olho do menino. Preciso garantir a ele alguns poucos bons registros.

**TRÊS:** Às vezes, pela fresta é possível ver um sorriso, um olhar em busca de algo enquanto o meu imagina uma janela aberta que dá vista pro céu, e hoje o céu está vestindo um azul cor de esperança.

**QUATRO:** Hoje o céu está com azul cor de saudade, saudade de quando o céu era todo meu e de quando as fres-

tas eram só as das nuvens, que faziam o sol quente passar pra derreter o sorvete e me fazer competir pra ver quem era mais rápido, nós ou o sol. Sempre perdíamos para o sorvete.

**TRÊS:** Como será que está o cheiro do seu abraço? Às vezes, já quase não lembro. Tem dias que parece que ele está mais magro. Ou seria maior o espaço?

**QUATRO:** Ele anda tão crescido. Acho que já mudou de sorvete preferido. Será que ainda gosta de sorvete? Será que lembra de mim? Que cisca enquanto anda? Que se aninha enquanto abraça?

**TRÊS:** Eu gosto quando ele sorri, embora dure pouco. E, toda vez que isso acontece, eu pisco rápido igual ele me ensinou. Uma fotografia pra memória, que se pode vasculhar depois. Coleciono os sorrisos dele para rememorar ele contando histórias antes de dormir.

Ouvi ele falando ou seria cantando? Enfim, ouvi algumas notas sobre ele estar sem tempo. Eu o observo e acho que ele tem todo o tempo do mundo.

**QUATRO:** E se...

Eu desaprender a respirar, não transpirar, será que a fresta poderia ser maior?

**TRÊS:** Meu tio tem nome de passarinho e parece um, bem daqueles que caiu do ninho e ficou procurando a mãe. Embora tenha cor de madeira, meu tio ainda brilha. Um passarinho na gaiola tem tanta pena. Talvez ele seja seu próprio pássaro, sua árvore e sua canção.

**QUATRO:** Essa janela com grade me faz perder ainda mais a liberdade. Nem tentar voar eu posso. Queria derubar esse muro para ter meu céu de volta, mas, se abrissem um pouco mais a nesga, a fenda, a lacuna, eu até esqueceria que existe céu.

**TRÊS:** Acho que meu tio tem saudade de algum ninho. Dá pra ver. Eu, eu tenho saudade do meu tio.

## **CENA 2 - DA MEMÓRIA - PARTE 2**

**SETE [EXU NARRADOR]:** Quem já nasce com predileção pra morte? Abikus são nascidos pra morrer ainda criança. Quem acordou em acordos de acordar pra não viver? Mas aqui ainda é um acordo, acordado. Ceifadas vozes precoces, há quem diga menores, eu não ousou dizer. Quantas bocas precisam para dar conta de pequenas grandes fábulas?

**CENA 2 - Da Memória - Parte 2. Não foi, mas poderia ter sido em Salvador, Boca do Rio, 1989.**

*[Malómo = não vai embora novamente; Kosokó = não existe*

*mais pá (para cavar a sepultura); Bonjokô = Sente-se ou fique comigo]*

**CINCO:** Talheres são tão frios. Não gosto da sensação da primeira colherada em nada. Sinto que falta a queutura da boca. A primeira abocanhada é intensamente gostosa e desinteressante, quase que na mesma proporção, mas deixa isso pra lá. Minha mania de criança tagarela de querer falar do meu umbigo, deixa pra lá. Eu quero falar dela, ELA:

Ela, ela tem a boca boa e poderia comer a comida dela e a minha. Se deixassem a gente usar a mesma colher, eu daria a primeira colherada para ela, para a minha primeira mordida ser perfeita.

Ela, ela é tão bonita, uma pele impecável, nem parece de menina, sem manchas, sem cicatriz. Anda como quem sabe que pisa em ovos ou como quem sabe que o ovo é ela. Até para rolar tem cuidado, é lenta, nem se descabela.

Dia desses, vi seu sangue escorrer, e todo mundo correu para socorrê-la. Gritos que abafaram gargalhadas de crianças: “Não toca. Não se mexe. Não mexe. Você, para dentro”.

Eu só queria beijar seu pequeno corte e dizer: “Quando casar, sara”, igual mãe diz para mim, mas aí o quintal esvaziou, e eu esvaziei um pouco também. Tomara que faça uma cicatriz bem bonita, para ver se, assim, a gente fica mais parecida.

**TODO MUNDO:** - MALÓMO, KOSOKÓ, BONJOKÔ -

[MUDANÇA BRUSCA DE AMBIENTAÇÃO, COREOGRAFIA PARA INVOCAR ABIKU... MOVIMENTOS DO RUM DE IANSÃ]

**AKUJI [MORTO E ACORDADO]:** Alguma mãe contava uma história de que, no interior da Bahia, tinha um homem que sempre falava a palavra “dis...”. Toda reclamação dele tava pautada nessa palavra. Ele via que a comida não rendia, tinha sempre gente doente na casa... Um dia ele disse “dis...” e viu que a porta da despensa estava entreaberta. Quando ele abriu, tinha uma senhora, maltrapilha, segurando um punhado de arroz. Ele perguntou quem ela era e ela disse: “Eu sou a ‘dis...’. Cada vez que você me chama, eu levo um punhado de comida, saúde, dinheiro”. Pra mim e pros meus filhos, minha mãe conta ainda que ela tinha uma fileirinha de filhos, sete no total. Sempre uma mãe da mãe proibia ela de falar essa palavra. E mãe sempre proibia todo mundo de falar também, porque essa palavra chama coisa ruim, porque sumia comida da despensa, porque criança adoecia...

**TODO MUNDO:** - MALÓMO, KOSOKÓ, BONJOKÔ -

**AKUJI [MORTO E ACORDADO]:** Desgraça é mais que sem graça. Talvez seja um lugar que já viu o bom e que, por um toque errado, um caminho desastroso, se desprende de qualquer gracejo. Eu não sei onde a desgraça nasce, mas ela se nutre e cresce quando a

vida de uma criança é interrompida. A desgraça tá ali, rindo da nossa incapacidade de permitir o futuro viver. Se uma criança caísse do nono andar, sozinha, seria uma fatalidade. Mas, quando uma mulher coloca essa criança no elevador, pra continuar fazendo as unhas, enquanto a mãe da criança passeia com o cachorro de quem deveria olhar seu filho naquele momento, é a própria desgraça que aperta o número nove e dança com a criança e a morte em queda livre...

É uma desgraça pensar que, se a criança fosse branca, se fosse a empregada ao digitar o número, ao invés da patroa, essa tragédia teria solução. Como não foi, a desgraçada da assassina espera a condenação em liberdade. E a gente segue sonhando como escrever liberdade sem palavra que a anteceda ou pontuação que a diminua. É uma desgraça mães pretas não dormirem porque sabem que crianças pretas têm três vezes mais chance de serem mortas antes dos 15 anos. Desgraça é sair sem saber se voltamos. O medo que perpassa por pessoas pretas é uma desgraça colonial. Kethelen morrer com uma criança no ventre, desgraça. Agatha baleada, desgraça. Emily, João Victor e toda a infância ceifada, desgraça. Ter nomes de mortos embalando nossos sonhos, desgraça. A desgraça que é vista nos escombros, nas estruturas, nas frestas é branca, pálida e se alimenta de punhados novos de felicidade, se alimenta das vidas novas, porque sabe que a gente vivo é só beleza. Nossas crianças não são natimortas, mas a desgraça multiplica

os abikus. Duvido que toda criança que morre acordou que não queria mais acordar.

### **CENA 3 - DA REALIDADE**

**SETE [EXU NARRADOR]:** O tema central está na estrutura e na arquitetura da derme, em cada pausa por mim escolhida, em cada pessoa invisível por mim acolhida, por cada boca minha em outra pessoa encontrada. A cada história narrada, tem uma linha que nos traz aqui. A cada 23', um Agba. A cada 1', novos 23 pra guerrear.

### **CENA 3 - Da Realidade - São Paulo, 2022, Cidade Tiradentes.**

**SEIS:** O dia tá lindo, clima ensolarado... Hoje o dia esquentou, mesmo sem ser verão. Aqueceu só para secar as lágrimas que você me causou, sem querer, sem permissão, mas causou. Qual era seu nome mesmo? "Vida, Pretu, Filho, Parceiro, Pedro..." Pra eles, "Neguin, Buiu, Passa o RG", mas deixa isso pra lá, que hoje o céu se abriu só pra me esquentar, pra lembrar a beleza que habita em meninos-homens pretos, que se nutrem de farinha e açúcar, pagode, vielas e becos. Sua cidade, a Cidade Tiradentes, era todo o seu país, e o que era dele já era nosso. Ceis tinha que ver. Ele tinha um sol nos olhos, um calor no abraço, me tratava igual princesa. Pão com ovo no café, brigadeiro de sobremesa,

era presa somente a liberdade. Ao som de Veigh e MC Luanna, noix se amava: “Qualquer fita, cê fala comigo. Sabe que prolongar atrai buchicho. Cê se perde nas suas palavras e todas as vezes que eu tirei seu cinto”.

É, vida, dizem que era 23 horas e 23 minutos o momento em que você voou, a contragosto, mas você voou. Foi confundido. Coincidência.

“Liberdade caça jeito”, já diria o poeta Manoel, e o menino passarinho foi viver lá no céu. “Na favelinha, hoje tá mó paz.” É, mas não é paz, é só silêncio.

**SETE [EXU NARRADOR]:** [Pausa]

“Nego não para no tempo Teve um tormento, a dor que é forte, se sentiu lá dentro Maracutaia, lá do norte, o mano vai viver

Maracutaia, segue a seco/sede, um dia irá chover

Sabe por quê?”

Sabotage

Todas essas histórias que eu fiz alguém narrar foram só para encontrar meios para o fim chegar. E, a partir de agora, o fim está interditado. **[Mecanismo que contabiliza o tempo volta]**

**ABIASÉ:** Acordar acordos e acordes. Que só nos mate a morte, a morte que combinamos. Você não lembra, mas, antes de a vida ser com Olodumaré, o retorno já fora combinado. Acordar acordos e acordes. Que só nos mate a morte. Que não nos tire o tiro ou o laço. Cabeça na cabeça, caminho no caminho. Nenhum combinado é feito sozinho. Só quem já nasceu feito pode ajudar a modular o tempo. Se Akuji é o morto que está acordado e sabe narrar desgraças, Abiasé sabe louvar as graças. Eu louvo e agradeço tudo aquilo que prevejo e vejo. Convoco TODO MUNDO a praguejar o futuro, a exigir garantia de existência de crianças pretas. Quero ver envelhecerem negros sorrisos. A palavra abala estruturas e assegura. Que bala só adoce e não perfure. Que o que adoce cure. Que nenhum acordo desacorde o acordado. Que a corda não arrebente pro lado mais fraco. Que a ventania faça brisa nos rostos desamanehados, e o furacão enlouqueça quem engatilha gatilhos. TODO MUNDO tem alguém consigo, eu consigo, porque TODO MUNDO vem comigo.

**TODO MUNDO:**

Seis caminhos, seis histórias  
Um narrador-memória  
Esmiuçam poeiras e pólvoras  
Descasos, desmandos  
Desse ovo brasilis

Quando nos transformam em números  
Mal sabem  
que assim também nos encontramos

7 demônios possuíram Maria Madalena  
Por 7 caminhos os expulsaram  
7 virtudes conhecemos  
Por 7 artes nos expressamos  
7 pecados nos vestem  
No sétimo dia rezamos

7 pragas do Egito cruzaram os séculos  
E ainda nos encontram no dia de hoje  
7 notas musicais  
7 cores do arco-íris  
7 saias Maria carrega

Em 7 dias criaram o mundo  
E por 7 facetas eu sou formado

Sou Exu desde o momento da criação  
Teci com vocês um ebó de palavras

Que todos os caminhos se abram  
Para a história se recontar  
Um tempo que volta  
Encontra novas possibilidades  
Não retrocede  
Mas volta

**DOIS:** A chance de respirar, sem respirador, sem joelho no pescoço, respirar, sem precisar pensar. Que as estruturas refaçam os pactos, se arrumem. Voltar ao barro, até refazer o pacto com a terra, desmoldar os moldes, descalçar os pés.

**UM:** Quebrar armários enquanto se unem desejos. Que sangue não seja nem privilégio, linhagem e muito menos bloqueio. Desejo que nossos desejos encontrem brechas, fendas, desemboquem em outros anseios.

**UM E DOIS:** Saborear a vida lentamente. Que a mesma seja doce e quente. Imaginar e vislumbrar ser imortal. Reside em mim o futuro ancestral.

**TRÊS:** Que a gente se tenha.

**QUATRO:** Conhecer o desconhecido até se achar.

**TRÊS:** Não deixar de se conhecer e se perder se precisar.

**TRÊS E QUATRO:** Que nossas "corpas" sejam territórios possíveis.

**CINCO:** Beijar minhas cicatrizes e acariciá-las, torná-las sagradas. Renomear mágoas, ser possível, amada.

**SEIS:** A cada 23 minutos, uma vida será desinterditada. A quem antes nome não tinha, que nova filiação seja

dada. Somos mães e pais do amanhã para recontar a história, sabendo que somos “encantes”.

**SETE [EXU NARRADOR]:** E, a partir de agora, o fim está interditado. Fim do teatro.

---

LUZ RIBEIRO

*Luz Ribeiro é Mãe, Poeta-Dramaturga e Atriz. Integrante do Coletivo de Teatro e Pesquisa "Legítima Defesa". Cursa Dramaturgia na SP Escola de Teatro. Luz Ribeiro ganhou torneios importantes de poesia, tais como: "FLUP SLAM NACIONAL" em 2015, "SLAM BR" em 2016, semifinalista na "Coupe du Monde de Poesie" Paris - FRA 2017, "TODO MUNDO SLAM" Lisboa - POR 2020 e "SLAM BR" edição online 2021. Publicou os livros: eterno contínuo (2013 - selo do burro), espanca/estanca (2017 - editora quirino) e novembro [pequeno manual de como fazer suturas] (2020 - editora quirino). Seus textos estão em mais de 20 antologias, entre elas "QUEREM NOS CALAR: POEMAS PARA SEREM LIDOS EM VOZ ALTA" da editora Planeta, com curadoria de Mel Duarte (2019) e "AS 29 POETAS HOJE" com Curadoria de Heloisa Buarque de Holanda (2021). Luz é mar-mãe do Ben e filha-mar de Odoya.*

---



# ESTADO DE GUERRA:

dramaturgia do  
fim do mundo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Esta é uma dramaturgia em processo. Ela nasce da necessidade de compartilhar aquilo que é meu, tão particular. Aquilo que é nosso, tão comunitário. Ofereço à alma humana: a dor, o amor, a humanidade, a guerra. Um brinde. Um brinde a nós que ainda estamos aqui.



---

por  
**MARIANA OZÓRIO**

*A mão estremeceu e dilacerou em meio ao rompante do capital. Eu vejo corpos desfalecidos e não sei dizer quem são. Respirar é ato político. É que, depois da morte, não há nada que possamos fazer para suportar a ausência. Silêncio. Eu sinto saudades. Saudade de não saber, saudade de quando eu achava que sabia, saudade do que eu nunca saberei. Do que eu nunca serei. Somente saudades. Saudade porque agora, infelizmente, eu sei.*

## PRÓLOGO

**1** – *(Olha para o público longamente)* O que vocês estão esperando? Ahn? Estão esperando que eu diga alguma coisa? Estão esperando a minha vez de começar? Vocês são patéticos. Eu não tenho nada para falar. Vocês estão perdendo o seu tempo aqui. Perdendo seu tempo comigo. VÃO! VÃO EMBORA! AGORA É A HORA. *(Espera)* NINGUÉM? É que olhar a desgraça alheia enche esses seus egos flácidos, não é?

*Algo anuncia uma queda, mas não cai. É um anúncio interminável e isso é insuportável. A atriz grita de dor. Continua o texto com dor.*

**1** – Falar o quê? Alguém aqui tem alguma coisa pra falar?

Olha mais uma vez para o público, se assenta com dor. Ela muda o tom.

**1** – O que não se diz se perde em meio ao tempo e é difícil recuperar depois. Recuperar o tempo. Recuperar o que ficou para trás. Recuperar nós mesmos. O que poderíamos ter sido, mas nunca fomos. E isso... isso... isso é como uma incapacidade que nos limita... Isso de a gente ir além da gente mesmo. Então um brinde! *(A dor se mistura ao riso)* É, um brinde! A vocês, a mim, a nós... que ficamos! Nós ficamos! Tim-tim! Nós ficamos! Somos o que pudemos ser do que somos! Um brinde!

*(Espera)*

**1** – Não? Então tá. *(Toma um gole)*

Vamos tentar de outra forma: isso aqui é uma viagem com vários brindes de recordação. Tim-tim! *(Toma um gole)* É que, mesmo a gente sendo essa coisa meio tosca, meio chata, sem graça, patética, algo de nós ainda acredita ou ainda se lembra. O tempo... Essa coisa maluca que nos escapa e nos devora. Como pode?

Essa coisa que a gente nem consegue agarrar com os braços nos maltrata. *(Toma um gole)* Eu, por exemplo, eu me apaixonei uma vez por um rapaz lindo, “lindolindolindolindo” de olhos verdes... ou eram azuis? Eu lembro que os seus cabelos tinham essa mania boba de sempre ficarem ao vento, como se viessem de algum país europeu, para sempre me lembrarem que eu vinha daqui, de algum país qualquer do terceiro mundo. Triste, né? *(1 se esvazia)* O que eu estava dizendo? Ahn? O que era, gente? O que eu estava dizendo mesmo? Gente, o que eu estava dizendo mesmo? O que eu estava dizendo?  
O QUE QUE EU TAVA DIZENDO MESMO?

**2** – *(Grita ao longe)* CUIDADO! BOMBA<sup>2</sup>!

*Escondem-se.*

*O espetáculo começa.*

---

<sup>2</sup> Sempre que aparece a palavra **BOMBA**, uma **CHUVA DE BOMBAS** cai em cena.

## **CENA**

**1** – Eu acordo todas as manhãs engasgada ou então sufocada.

**2** – *(Olha para ela sem entender)* Tudo em mim também dói.

**1** – *(Não o escuta e continua)* Algumas vezes, eu acordo sem ar, com os pulmões comprimidos, como quem pulou de um paraquedas da Lua até a Terra. Eu fico tanto tempo na cama, tanto tempo, que quando dou por mim já perdi uma hora do dia tentando começar a viver.

**2** – Tudo em mim dói.

**1** – Tudo em mim dói.

**2** – Tudo em mim dói. *(Tempo)* Os meus nervos se reviram tanto dentro de mim que tudo em mim dói.

**1** – Eu não posso fazer nada sobre isso.

**2** – Tudo em mim dói porque os meus nervos se reviram dentro de mim e a minha cabeça grita tanto.

**1** – Eu não posso fazer nada.

**2** – Tudo em mim dói porque meus nervos se reviram dentro de mim e a minha cabeça grita tanto e os meus pulmões pulam como se fossem crianças nervo...

**1** - Eu não pos...

**2** - Tudo em mim dói porque meus nervos se reviram dentro de mim e a minha cabeça grita tanto e os meus pulmões... Os meus pulmões pulam como se fossem crianças nervosas e... e... e o meu coração... É, o meu cora...

**1** - Eu não...

**2** - Tudo em mim dói porque meus nervos se reviram dentro de mim e a minha cabeça grita tanto e os meus pulmões pulam como se fossem crianças nervosas e... e o meu coração... É, o meu coração, ele vai explodir a qualquer momento! TUDO EM MIM DÓI, TUDO EM MIM GRITA TANTO, TANTO, TANTO, TANTO, TANTO, MAS TANTO, MAS TAN...

**1** - Eu...

**2**<sup>3</sup>

**1**

**2**

**1**

**2**

---

<sup>3</sup> Conforme a proposta apresentada pela a autora, trata-se de uma dramaturgia em processo, portanto respeitou-se a tipografia e organização dessas "falas silenciosas".

**1**

**2** – Que eu não lembro mais como é me ouvir.

**1**

**2**

**1**

**2**

**1** – Eu me apaixonei uma vez por um rapaz lindo. Lindo de olhos verdes...

**2** – CUIDADO! BOMBA!

*Escondem-se.*

## **CENA**

**2** – Um brinde!

**1** – *(Olha desconcertada)*

**2** – Um brinde a nós! É!

**1** –

**2** – Pega logo o copo que a gente vai brindar.

**1** - Brindar o quê?

**2** - *(Em tom louco)* Brindar a gente! Brindar a vida! A vida! Não é mesmo? Brindar porque a gente está vivo! *(A beija)* Brindar porque somos eu e você, sozinhos, pro resto da nossa vida! *(A beija)* Até que a morte nos separe! *(A beija)*

**2** - *(Cantarola "Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida eu vou te amar...")*

**1** - *(Ainda está confusa)* Mais? Então, brindar porque a vida ainda existe. Não fora, mas aqui *(Apontando pra si)*. AQUI! *(A beija)*

**1** -

**2** - Anda! Pega logo o copo.

**1** - *(Pega o copo)*

**2** - *(Ligeiramente louco)* Então... Rufem os tambores. *(Imita o som de tambores)* Um brinde a nós que ficamos! A nós! Somente a nós! Porque o vazio é lá fora! Não aqui dentro. Lá fora...

**2** força o brinde.

Brindam. Bebem.

Brindam. Bebem.

Brindam. Bebem.

Brindam. Bebem.

Brindam. Bebem. Se beijam. Se beijam loucamente. Se beijam sem vergonha. Se beijam como se fossem transar em um ban-

heiro público de balada, no meio de um desfile de Carnaval. Se beijam como se fosse o último beijo da vida deles. Param de se beijar repentinamente. Depois do fim, o vazio.

**1-**

**2-** O que eu estava dizendo mesmo?

**1-** Não sei...

**2-** *(Louco novamente)* Mas quem aqui nunca, não é?

**1-** CUIDADO!

*Escondem-se.*

**1- BOMBA!**

## **CENA<sup>4</sup>**

*Uma projeção na parede. De início, não dá para entender bem o que é. Depois sim. São olhos. Olhos azuis, verdes e cinza. O mesmo olho. É sempre o mesmo olho. Um olho que se mistura com o céu, que se mistura com o mar, que se mistura com a joia. É a projeção de um mar nos olhos. De olhos cor de mar. "Olhosmar:" "Olhosbeira-mar."*

---

4 Rubrica técnica: 1 oscila entre um discurso sobre esse homem que amou – quer dizer, ama? – e um delírio. O delírio é o texto sublinhado. Ele é um respiro para o discurso; não, quer dizer, ele é um outro rumo nesse discurso.

**1 vê a cena.**

**1 -** *(Entre uma lembrança, um orgasmo e um choro)* Eu me apaixonei uma vez por um homem lindo. “Lindolindolindolindo.” Quando eu era jovem, eu amei tão profundamente que pensei que fosse morrer. Mamãe, você está aí? E aí, de repente, eu me vi sozinha... Eu me vi sem você. Mamãe, você está aí? *(Se contorce de dor. É a dança da dor)* Eu, eu não sinto nada, mamãe. Você me escuta? É que, quando eu era jovem, eu sonhei com um amor em pedaços e aí meu coração, sem saber, explodiu. Um brinde, meu amor! A nós. A nós que ficamos, mesmo querendo ir! Um brinde, mamãe, a você, a mim, a nós três, porque essa coisa é de matar! Um brinde! Você tá vendo? Ahn? Tá vendo, mamãe? É que eu amei um homem lindo, mas ele não me amou de volta. Eu me apaixonei uma vez por um homem lindo. “Lindolindolindolindo.” Quando eu era jovem, eu amei tão profundamente, mamãe. Um brinde ao meu homem lindo! Meu coração ficou em pedaços, mamãe. Você me escuta, homem? Você me escuta, homem? Meu coração ficou em pedaços! Ele explodiu. Ele explodiu no meu peito e eu fiquei vazia. É que, quando eu era jovem, o meu coração explodiu! Mamãe, você está aí? Eu me apaixonei uma vez por um homem lindo. “Lindolindolindolindo”, mamãe. Um homem de olhos cor de mar, como o mar que invadia o meu corpo. Você escuta, homem? Corpo que invadia o meu corpo, se fazia dono, tomava posse, tomava conta, descobriu aconchego e ficou. Eu descobri nesse homem de olhos cor de mar minha casa à beira-mar. Você está aí?

A gente viveu junto até não viver mais. Vivemos juntos até a

morte vir nos pegar. Você me escuta? Eu e meu homem mar. Eu vi seu corpo desmanchar em meus braços, mamãe, tão fracos, aprendizes, ainda novos: – homem, meu coração explodiu – eu era a criança, e ele, o castelo de areia, a vida e o mar. O castelo sempre se desfaz.

### **BOMBA!**

A mesma projeção de antes se repete. Agora sabemos de quem são os olhos. Olhos azuis, verdes e cinza. O mesmo olho. É sempre o mesmo olho. O olho que se mistura com o céu, que se mistura com o mar. Os olhos são de um homem. Os olhos são do ator que assiste à cena. O homem se mistura com os olhos, que se misturam com o céu, que se mistura com o mar. Uma projeção de um homem de olhos cor de mar.

### **CENA**

*Enquanto o hino toca, **2** se veste e se suja.*

***2** está vestido como um soldado que acabou de chegar da guerra. Há fuligem por todo o seu corpo. Sua roupa está rasgada. É como em um filme hollywoodiano: um soldado com estresse pós-traumático. O cenário dessa cena é composto de um microfone e uma mesa lotada de taças cheias para brinde. O discurso oscila entre as falas de um soldado sobrevivente e um soldado recém-chegado ao batalhão/do campo de batalha, que cumpre com fervor as ordens de seu comandante.*

**2** *toca um hino. Um patriota sem casa discursa em um microfone e levanta uma taça de brinde.*

**2** - *(Erguendo a taça)* Sentido, soldado! *(Faz continência com a mesma mão que segura a taça)* Meu amor, eu fui, mas eu prometo que eu volto. E, quando eu voltar, eu te juro, eu te juro que vou te contar as histórias mais lindas de um homem guerreiro que venceu o mal apenas com um fuzil empunhado em mãos. Meus companheiros mortos, suas mulheres grávidas que aguardam em casa, seus romances de verdade com outros homens, que, em secreto, guardavam fotografias, ficarão só para mim. Sentido, soldado! *(Faz continência com a mesma mão que segura a taça)* Eu fui e não dou certeza se volto. Minhas mulheres guerreiras, mortas ao lado de toda uma linhagem de pares, que não respiram, ainda que seus pulmões estejam escancarados a plena luz do céu. BOMBA. Seus corpos incompletos, assimétricos, agora desnudados, escancaram um ímpar de braço, perna e orelha. Seus maridos em casa, grávidos, choram descompassados, como histéricos não analisados. Se perguntam: "O que será de mim agora sem ela?". Minhas companheiras choram por suas outras mulheres, não por seus inúteis grávidos homens. CALA A BOCA, SOLDADO. O seu serviço é com a nação estremecida de Santa Cruz. Sentido, soldado! *(Faz continência com a mesma mão que segura a taça)* Eu fui e não volto. E, quando eu não voltar, te enviarão pedaços de mim em caixas pequenas, como de uma joia, e, quando você chegar com um terno para me enterrar e tudo o que restar de mim for um braço enlameado, eu direi: a culpa é deles, mamãe, não minha! Eu matei por eles, não por mim. E morri sozinho, no frio gélido de uma bazuca 9 milímet-

ros que me atravessou o peito, explodiu a aorta e fez de mim pedaços. Meu coração explodiu, mulher. *(Faz continência com a mesma mão que segura a taça. Faz esse gesto repetidas vezes. Faz continência, grita tim-tim, toma o drinque. Repete. Repete quantas vezes forem necessárias. Toma outras taças da mesa)*

*Pausa.*

**2 – (Em cima da mesa)** Em algum momento do futuro, nós poderemos dividir as nossas histórias. Diremos que o passado valeu a pena, que as dores, apesar de muitas, não foram, em hipótese nenhuma, em vão, porque o porvir era grandioso. Diremos que aqueles que virão depois de nós realizarão nossos sonhos, mal sabendo que isso não acontecerá, porque eles estarão gastando tempo suficiente realizando os próprios sonhos. Os nossos ficaram no passado. Os nossos se transformaram em luta. Mas falaremos isso na esperança de que eles entendam que a glória será deles, porque nosso sonho era isso: um futuro para alguém, ainda que esse alguém não fosse a gente.

**2 – (Para o público)** Chame alguém para beber. De preferência, alguém que beba álcool. Os tempos andam difíceis demais, por isso, vez ou outra, é preciso se embriagar para aguentar. Ou pelo menos tomar algo bem forte para continuar aguentando. Algo que dê um tapa no coração e faça ele continuar batendo. Porque é preciso continuar batendo.

## **CENA<sup>5</sup>**

*Em um microfone, 2 tira um papel do bolso e lê. Ao fundo, uma projeção das crateras da Lua, bombas, cães farejadores e ratazanas africanas gigantes.*

*Enquanto 2 discursa, 1 corre em torno do palco, como uma bomba que procura seu alvo. 1 corre até encontrar o seu alvo.*

En los últimos años, el mundo fue escenario de una de las guerras más importantes de la historia: la gran guerra. Más conocida como “el fin”. Las bombas tuvieron un gran protagonismo: los países unidos del primer mundo arrojaron sobre todos los países bajos del tercer mundo más de 500.000 toneladas de explosivos. Son muchas bombas, ¿no creen? por ejemplo, si partimos de la base de que un misil Mark 81 pesa 119 kilos, estamos diciendo que: los países del primer mundo jugaron más de 4.000 bombas sobre los países bajos. ¡ay! Tenemos aún que recordarnos que muchas de ellas siguen enterradas en sus cráteres sin explotar. O sea: a cualquier momento el fin puede llegar.

Encontrarlas no es una tarea fácil o barata. Los científicos han tenido la idea de recurrir a la inteligencia artificial. Utilizando algoritmos de reconocimiento de imagen, ellos son capaces de detectar cráteres y descubrir dónde se quedan bombas por explotar. El primer paso es: tener dinero

---

5 Um brinde dramático: esta cena, originalmente escrita em espanhol, pode ser adaptada ao português brasileiro, ou aoportunhol, ou ao brasunhol, ou a qualquer outra coisa de escolha da direção.

para recoger la bomba que no ha explotado. Este labor cuesta, en media, 40 millones de dólares. Segundo paso: encontrar la bomba. Para esto, utilizan la más moderna inteligencia artificial: perros entrenados y ratas africanas gigantes.

Es sí bien cierto que una bomba deja un enorme cráter en el suelo cuando cae, pero con el pasar de los años se llena de tierra y de vegetación. Especialistas creen que hay al menos un alrededor de 35% de bombas no explotadas. Esta guerra ya ha matado más de 600.000 personas a lo largo de los años y se estima, aún, que cien personas son heridas por una bomba adormecida a cada semana. El mundo es un escenario frecuente de guerras, bombas, muertes, ratazanas gigantes y fines. cuando creemos que el fin ya ha llegado, una cosita más pasa y el fin se reactualiza.

*1 corre em torno do palco, como uma bomba que procura seu alvo. 1 corre até achar seu alvo. 2 impede 1. 2 beija 1. 2 e 1 se beijam. Se beijam loucamente. Se beijam sem vergonha. Se beijam como se fosse o último beijo da vida deles. Param de se beijar repentinamente. Se refugiam, porque parece que uma bomba vai cair, mas ela não cai, é um falso ataque.*

**2** – Vamos jogar um jogo?

**1** – Mais um?

**2** – É, mais um! Para de ser chata.

**2** dá um tapa em 1.

**1** - AI, CARALHO!

**2** - Não fala assim. Tem criança na plateia.

**1** - (Esperançosa) Criança?

**2** - É jeito de falar.

**2** dá outro tapa em 1.

**1**

**2** - Desculpa.

**1**

**2** - Vamos jogar?

**1**

**2** - Vai... Vamos!

**1**

**2** - Tá! É assim:

**1**

**2** – Tá vendo esta bolinha?

**1**

**2** – Então, a gente tem que tentar acertar esta bolinha dentro de um dos copos.

**1**

**2** – E, aí, quem acertar bebe!

**1**

**2** – Tipo assim:

*2 mostra ao 1 como jogar.*

**1**

**2** – Vamos jogar?

**1** – Por que eu não posso simplesmente beber?

**2** – Porque não!

**1** – O copo simplesmente já está aqui e eu posso esticar a minha mão...

**2** – Não tem graça!

**1** – E beber!

**1** *bebe três copos de uma vez.*

**2** – Acabou?

**1** – Eu ainda aguento mais... Quer ver?

**1** *bebe mais copos.*

**2** – *(Interrompe a ação de 1)* Ótimo, ótimo! A gente viu que você consegue beber. Parabéns...

**1**

**2**

**1**

**2** – Agora vamos jogar?

**1** – Só se prometer não me bater mais.

**2** – Eu prometo.

**1** – Eu estou falando sério.

**2** – Eu sei.

**1**

**2** - Eu sei.... Eu também estou falando sério.

**1** - Tá.

**2** - *(Animado)* Tá!

**2** se preparando pra começar o jogo.

**1** - E se me falar onde está a criança?

**2** - Que criança?

**1** - A criança que você falou antes...

**2** - Não tem criança.

**1** - Mas você falou antes que tinha uma criança.

**2** - Olha, não tem criança. É sério.

**1** - Antes você disse bem assim: "Tem criança na plateia".

**2** - Eu sei, mas...

**1** - Então, cadê a criança?

**2** - É só jeito de falar...

**1** - Mas você disse que tinha.

**2** - Eu sei o que disse.

**1** - Então, cadê?

**2** - Não, esper...

**1** - Cadê a criança?

**2** - Não tem criança.

**1** - Mas você dis...

**2** - Eu sei o que eu disse, mas...

**1** - Se sabe, cadê, ent...

**2** - É que não tem cri...

**1** - Mas você dis...

**2** - Não tem cri...

**1** - Mas você...

**2** - Eu sei, é jeito de...

**1** - Cadê a crian...

**2 - NÃO TEM CRIANÇA. É SÓ JEITO DE FALAR! É ISSO! SÓ TEM VOCÊ E EU AQUI... PRO RESTO DA VIDA. VOCÊ TÁ VENDENDO ALGUMA CRIANÇA?**

**1 - Não...**

**2 - Então...?**

**2 - Vamos?**

*2 começa a jogar.*

**1 - Mas você viu alguma?**

**2 - O quê?**

**1 - Criança.**

**2 - Eu te juro que eu não vi NENHUMA criança. MAS, SE EU VIR, você vai ser a PRIMEIRA a saber! A PRIMEIRA.**

**1 - Promete?**

**2 - É sério isso?**

**1 - Você quer ou não que eu jogue a porra do seu jogo com você?**

**2 - Eu já falei pra você não falar palavr... prometo!**

**1** - *(Feliz)* Obrigada!

**2** - Podemos?

**1** - Por favor!

**BOMBA!**

**CENA**

*1 se encontra caída em meio aos destroços. Entre eles há um telefone. Eles tentam a todo custo fazê-lo funcionar. Há linha. Ela cai. A linha volta. Ela cai de novo. Mas ela volta. E cai. É uma dança. É como uma dança. Entre a mulher e o seu par. 2 é o seu par. E o telefone e a mãe são como o par de ambos.*

*(As falas ocorrem concomitantemente, de acordo com a posição das linhas.)*

**2** - Acordei.

Pensei que era o fim. Poderia ser, mas não foi. Pensei que morreria ali, sozinho. *(Pausa)* Nada muda. *(Silêncio)*. Mãe, você está me ouvindo?

**1** -

Mãe? Alô? Mãe...

Mãe?

Você está me escutando?

Alô?

Alooooouuu? Mãe? Tem alguém aí do outro lado dessa porra?

*Blackout*

Acordei com saudade de casa. Pensei que meu peito ia explodir em cinzas. Acordei querendo voltar no tempo em que nada ainda havia acontecido.

Mãe, eu preciso dizer. Mãe, eu preciso dizer...

O tempo zomba da gente e a gente vive à mercê dos grandes. O tempo zomba da gente e a gente, tão fulo, segue pedindo arrego pros deuses. Mãe, você tá aí?

*(Tempo)*

Sinto saudades da minha mãe.

Sou eu, mãe. Sua filha.

É, eu sei que já tem muito tempo que a gente não se fala, mas eu tô bem, tá? Eu tô bem, mãe, é verdade.

Nunca estive melhor!

Aaa... ele?

Está bem também.

A gente tá bem.

Mas e você?

Me fala de você.

E o papai?

Fiquei sabendo, mãe... Desculpa... Não deu pra ir... Eu...

Eu estava ocupada, sabe?

Eu sei que você entende.

## **CENA**

### ***Karaokê de vulnerabilidades ou compasso acéfalo***

*Um microfone. Músicas tocam e as atrizes dançam como se fosse a última dança da vida delas. Não há amanhã. Não há momento seguinte. Podemos encerrar essa peça aqui e*

*agora, aproveitem! Dançam antes que a bomba destrua o que restou de nosso Estado-nação. As atrizes dançam enlouquecidas, se beijam, bebem, se jogam, se assentam. As atrizes dão seu testemunho final, uma de cada vez. Essa peça se encerra com uma bomba, sempre. É o fim. Sempre foi o fim.*

***Eu não sei o que é isso que eu estou fazendo agora.***

**2** – Oi. Boa noite! Obrigada por estarem aqui. Mesmo! Eu sei o quanto deve ter sido difícil para alguns de vocês chegarem até aqui. Eu sei. Para mim também foi, acreditem! E ainda tem mais. Então... fica aqui o meu muito obrigado. O nosso muito obrigado! Eu sei também que o sonho é uma utopia que só existe para permitir que a gente possa continuar seguindo em frente, para que a gente consiga estar aqui, rodeado uns dos outros, sem querer esfolar uns e matar outros a pauladas. *(Ri)* Desculpa! É que depois de um tempo, aqui fora, sozinho, a gente fica meio confuso mesmo, sabe? Fica... Fica achando que nunca mais vai encontrar alguém, assim, como a gente. Assim de pele e osso. É bom saber que eu não estou sozinho.

Por isso... eu quero que vocês saibam que vocês também não estão. CUIDA... *(Ri)* brincadeira! As bombas explodem lá fora, não aqui dentro. Eu preciso dizer: vai ficar tudo bem! A gente vai ficar bem. Eu prometo.

***E, quando Deus vier à Terra, haverá grande silêncio.***

**1** em silêncio. Sem graça, a atriz fica ali olhando o público, não sabe muito bem o que dizer. Às vezes ela cantarola uns trechos da música, às vezes não. Ela tem algo a dizer, mas não consegue. Fica assim, pelo tempo que achar necessário, até que se sinta confortável o suficiente para sair.

***It wasn't easy to be happy for you ou para você não era fácil ser feliz.***

Desce uma guitarra azul brilhante reluzente do céu. Ou seria do teto do teatro? Não importa. Um azul nunca mais visto. Ele contrasta com o cinza do cenário. **2** toca a guitarra e **1** canta, ora num inglês americanizado, ora abrigado, ninguém se importa, é o fim do mundo. Uma projeção na parede traduz a música.

## **EPÍLOGO**

### **Uma mulher de péssimos hábitos**

Fim. O espetáculo acabou, as luzes estão acesas, o público aplaude. **2** está de pé agradecendo e faz todos os agradecimentos necessários: à equipe técnica, à direção, ao espaço etc. **2** reverencia o público, faz o gesto de gratidão. **1** está deitada no chão. A pós-produção começa a retirar o cenário e **2** já não está mais em cena. É o fim. Enquanto tudo é retirado, três pessoas da pós-produção aparecem e começam a tentar carregar **1**, porque ela insiste em não se levantar. **1** se debate contra eles e consegue permanecer deitada (no

*chão/na mesa). Deitada, inerte, com o ar suspenso em seu peito, 1 diz:*

**1** - Às vezes, eu tenho esse péssimo hábito de continuar. Continuar insistindo, continuar navegando, continuar tentando, continuar como se nada estivesse acontecendo, continuar falando, continuar escutando, continuar escrevendo... Eu tenho essa mania de continuar! Continuar esperando, continuar... Continuar acreditando! Continuar como se aqui dentro eu não estivesse destruída. Eu tenho essa mania de continuar! Continuar como se aqui dentro... aqui dentro... eu ainda quisesse viver. Eu tenho essa mania de continuar. Continuar dizendo que vai ficar tudo bem. Ou continuar dizendo que EU NÃO AGUENTO MAIS, QUE EU QUERO QUE TUDO ACABE. QUE TUDO ACABE EM MERDA, PORQUE É UMA MERDA. EU TENHO ESSA MANIA DE CONTINUAR. CONTINUAR FINGINDO QUE EU NÃO ESTOU VENDENDO, QUE EU NÃO ESTOU ESCUTANDO, QUE EU NÃO ESTOU SENTINDO... ATÉ QUE UMA BOMBA - UMA BOMBA! - EXPLODA BEM NO MEIO DO MEU PEITO, ME DEIXE EM PEDAÇOS, ME FAÇA EM ESTILHAÇOS E EU LÁ... continuando... A minha mãe me disse que essa mania... já veio do berço. Do berço, não, da barriga. Ela me contou que uma vez ela tentou me matar e que eu insisti em continuar. A minha mãe me conta que essa mania de continuar é desde a gestação, lá da barriga dela. Que ela tentou me matar e que o médico dizia que eu ia morrer, porque, além de pequena, o corpo dela não me aguentava e ela não me queria, mas eu insisti em continuar. Continuar mesmo ela não me querendo... Ela não quis, e eu nasci. Ela disse que eu

tenho a mania de continuar. A minha mãe conta que, quando eu era pequena...

**2** – *(Grita ao fundo)*: CUIDADO!

**BOMBA.**

**UMA CHUVA DE BOMBAS.**

Uma chuva de bombas invade a cena. Não há blackout. Nunca houve. A guerra está instaurada enquanto nós ainda estamos vivos. **2** ajuda **1** a se levantar, as atrizes e toda a equipe agradecem e se retiram de cena.

As luzes do palco estão acesas, o cenário é de uma guerra e uma chuva de bombas invade a existência.

---

MARIANA OZÓRIO

*mariana ozório é dramaturga, poeta e atriz. autora do livro de poesias e minicontos peito cheio (Ed. Urutau, 2023). em 2021, foi premiada por sua dramaturgia: piscinas: um estudo sobre as águas que, posteriormente, foi publicada na coletânea: Eternizar em escrita preta (SP, 2022). piscinas foi encenada por mariana na Mostra de Monólogos do Galpão Cine Horto (BH/2023). autora da carta querida L., texto publicado na coletânea Epistolária: cartas para a desobediência, a beleza e o fim, (Ed. Urutau, 2022). escreveu, dirigiu e atuou seu solo pele, na Mostra de Monólogos do Galpão Cine Horto (BH, 2019), publicado pelo Primeiro Sinal (BH, 2022). autora de .... pontos....., texto publicado na coletânea Mentiras e outros pequenos furtos: um inventário da verdade (Hecatombe, 2021). integrou o elenco do espetáculo Além do rio, pelo qual recebeu o Prêmio Leda Maria Martins (BH, 2022). atualmente, integra o elenco do espetáculo Memorada, estreado em Belo Horizonte em 2023.*

---





**OUTRAS  
VOZES,  
NOVOS  
DISCURSOS**



por

**MIGUEL ARCANJO PRADO**

COORDENADOR DE EXTENSÃO CULTURAL  
E PROJETOS ESPECIAIS DA SP ESCOLA  
DE TEATRO

# OUTRAS VOZES, NOVOS DISCURSOS

Qualquer jornalista sabe que, se fizer a mesma pergunta a duas pessoas diferentes sobre o mesmo fato, terá duas histórias contadas de maneiras completamente distintas. Afinal de contas, o ponto de vista importa. Isso me faz lembrar quando eu, já no final da adolescência, me preparava para fazer o vestibular na Universidade Federal de Minas Gerais. Foi quando me deparei, na lista de livros escolhidos para a prova literária, com *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A leitura daquele livro me provocou uma sensação diferente das leituras anteriores. Eu que desde garoto frequentava cotidianamente a biblioteca das escolas pelas quais passei, escolas públicas estas, não havia, até então, me deparado com aquele ponto de vista condensado em um livro. Carolina Maria de Jesus era uma mulher negra pobre, catadora de papel na maior cidade deste país e, em seu diário, descrevia o mundo ao seu redor pelo

seu olhar. O Prêmio Soleno Trindade, que leva o nome do poeta que também impôs um olhar novo à poesia nacional, o pernambucano Solano Trindade (1908-1974), proporciona exatamente isso: acrescenta outras vozes e novos discursos ao teatro brasileiro. Até porque os nossos palcos durante muitos e muitos anos tiveram um olhar dominante. Só que, nos últimos tempos, após muita luta de tantos, a sociedade percebeu que é urgente que existam novas narrativas. Nada mais justo que a maior parcela da população brasileira ganhe cada vez mais protagonismo também nos palcos. Ao apresentar três novas obras de dramaturgos negros contemporâneos – *A goteira* (Djalma Ribiero Da Silva Junior); *Vinte e três: encruzilhada no tempo: cênico, da memória e da realidade* (Luz Ribeiro); e *Estado de guerra: uma dramaturgia do fim do mundo* (Mariana Ozório) – o Prêmio Solano Trindade oferece sua colaboração ao futuro, criando um documento histórico que retrata como artistas brasileiros negros do começo do século 21 se apropriaram das artes cênicas como recurso discursivo. Claro que essa conquista não seria possível sem o apoio da Secretaria da Cultura, Indústria e Economia Criativas, sob gestão da secretária Marília Marton, e do diretor executivo da ADAAP e SP Escola de Teatro, Ivam Cabral, nomes que priorizam a diversidade em nossa cultura. Para aquele adolescente, que se deslumbrou ao ler Carolina Maria de Jesus mais de duas décadas atrás, poder coordenar este tão rico processo, no qual contamos com Rodrigo Barros na atenta produção e com a dedicação minuciosa de Denilson Tourinho e de Viviane Pistache na comissão julgadora, é uma verdadeira dádiva. Vida longa ao Prêmio Solano Trindade!









ISBN: 978-65-84800-33-5

TED



9 786584 800335



SP ESCOLA DE TEATRO

CENTRO DE FORMAÇÃO DAS ARTES DO PAULISTA

**CULT SP**



**SÃO PAULO**  
GOVERNO DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas